

A Menina Bana e Sua Mãe Fatemah (um artigo diferenciado)

*Por Ethel V. Kosminsky**

A partir de:

Alabed, Bana. (2017) **Dear World: A Syrian Girl's Story of War and Plea for Peace.** New York: Simon & Schuster. Traduzido para o português em 2018. ALABED, Bana. Querido Mundo: a história de guerra de uma menina síria e sua busca pela paz. Rio de Janeiro: Best Seller, 2018.

1 INTRODUÇÃO

O livro é uma história de sofrimento e de sobrevivência da Guerra da Síria contada por uma menina de sete anos e sua mãe. Bana, cujo nome significa árvore, “forte como uma árvore”, esse foi o nome escolhido pelo pai Ghassan e a mãe Fatemah. Bana é a escritora e a mãe co-autora que explica trechos da história de vida da filha criança e da extensiva família¹.

Foi antes da guerra – conta a mãe de Bana – Aleppo era uma linda cidade, uma das mais antigas do mundo. Os avós, materno e paterno, arranjaram o casamento e ambas as famílias concordaram que eles deveriam esperar até que Fatemah se formasse em professora de ingles. Diferente do olhar ocidental que parte da ideia de que o casal tem que se apaixonar primeiro para depois casar-se, aqui temos o contrário, os pais (sexo masculino) decidem o casamento. O casal se dá bem, é feliz. Os progenitores dos dois lados constituem famílias extensas. Os filhos são muitos e todos, depois que casam, moram perto uns dos outros. Os laços familiares são bem sólidos, o que dá certo conforto, quando penso como tudo é efêmero no mundo ocidental e, agora na Síria e no mundo todo, infelizmente.

Fatemah se formou em professora de ingles, e quando Bana veio ao mundo foi uma alegria geral nas duas famílias, a primeira neta dos dois lados. O pai de Bana, Ghassan, trabalhava como advogado. Para as duas famílias a chegada da

* Ethel V. Kosminsky é professora Livre-Docente de Sociologia do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus de Marília (aposentada); Professora Adjunta de Sociologia do Queens College/CUNY (2008-2013)

nova geração significava a continuidade da vida. A mãe conta para Bana como a sua chegada foi muito aguardada e quanta felicidade ela trouxe. Os três primeiros anos da vida de Bana foram cercados de muita alegria, a ida à piscina com o pai, o constante contato com os avós e os tios, os passeios pela cidadela – a cidade velha – foram muito importantes para a sua formação. A mãe começou a estudar Direito, gostaria de ser advogada como o marido. Apesar de Bana querer uma irmãzinha, ela ganhou um irmão - Liath (Leão) Mohamed, chamado por todos de Mohamed - a quem ajudava a cuidar. Quando Bana estava com três anos de idade, a vida se transformou completamente.

Aleppo começou a ser bombardeada em 2012 pelas tropas de Assad, o ditador da Síria, que desde o ano anterior passou a reprimir ferozmente as manifestações de pedidos de reforma em várias partes do país através de bombardeamentos e de uso de gás, contando com o apoio da Rússia e do Iran. As prisões se encheram de presos políticos que foram, na sua maioria, torturados e mortos. Os Estados Unidos da América (EUA) lideraram uma intervenção dos aliados de pequeno alcance. Começou o êxodo dos sírios para os países próximos e distantes como os países da Europa, o Canadá, os EUA – este ultimo com um processo de seleção muito difícil até o impedimento quase total quando Trump se tornou presidente em novembro de 2016 – e a América Latina, em especial o Brasil. No Brasil já existia uma comunidade sírio-libanesa que datava do século XIX.

A mãe de Bana precisou parar de ir para a universidade porque o caminho do ônibus ficou muito perigoso. Ela precisaria de mais dois anos para concluir o curso de Direito. No prédio de três andares em que a família morava, cada andar era ocupado por um tio, irmão do pai e sua família. O prédio tinha um porão onde os moradores guardavam coisas que não estavam usando. O porão era muito frio e escuro. Quando os moradores ouviam o barulho dos aviões de bombardeio eles corriam para os porões e permaneciam horas sem água e sem comida no frio e no escuro. Bana aprendeu a reconhecer pelo barulho seis tipos diferentes de bomba. Um dia, enquanto Bana estava na rua com a mãe e o irmão, os aviões começaram a se aproximar, eles só tiveram tempo de ir ao porão do prédio vizinho. Uma família deu-lhes cobertores para que eles não sofressem frio.

Os bombardeios destruíam os prédios e nem todas as pessoas conseguiam sair vivas dos escombros. Foi dessa forma que Bana perdeu a sua melhor amiga, Yasmin, com quem passava os dias brincando de bonecas. A mãe de Yasmin gritava na rua desesperada, pois já tinha perdido o marido e agora também a filha. Bana e Yasmin eram tão próximas uma da outra que a mãe de Bana dizia que eram família.

Bana “queria viver sempre na Síria porque é um lugar especial. É um país muito muito antigo e minha família tem vivido aqui para sempre.” Com o avô Malek, Bana aprendeu que, “é importante compreender de onde a pessoa veio porque isso faz quem você é. Ele disse que nós devemos ser orgulhosos de sermos sírios porque são bondosos e honestos”. Assim, Bana seguiu os ensinamentos do

avô e dos pais aprendendo a dividir o que eles tinham com os vizinhos e a tomar conta da família, pois “família é a coisa mais importante para nós.” A sua família é religiosa. “Nós sabemos – diz Bana – que nós devemos ser sempre generosos, leais e verdadeiros para Allah. Nós rezamos muito para que Deus nos ajude a sermos bons. Nós queremos uma vida simples. Isso é o que nos importa?”.

O terceiro irmãozinho de Bana nasceu num hospital na Turquia para onde a família foi, menos o pai que ficou trabalhando em Aleppo. Todos os hospitais de Eastern Aleppo tinham sido bombardeados. Assim a mãe de Bana, Fatemah, achou mais seguro que o parto fosse realizado em um hospital daquele país. Ela não esperava ficar grávida naquela situação cada vez mais difícil com bombardeios uns atrás dos outros, e com dificuldades cada vez maiores de comprar comida, mas decidiu enfrentar os riscos de dar à luz ao neném.

No dia seguinte ao nascimento do neném, Bana foi ao hospital com os seus avós Alabed que haviam se mudado para a Turquia. Bana achou que a mãe parecia doente. Era um pequeno menino com cabelos louros tal como Bana havia rezado. Eles só puderam carregar o neném por apenas alguns minutos. Ele nasceu pequeno e fraco por causa da guerra, assim pensou Bana, no que ela estava completamente certa. Fatemah disse à filha que o neném nasceu com a metade do tamanho de Bana quando do seu nascimento. Tanto a mãe quanto o neném tiveram que ficar mais tempo no hospital, em recuperação no caso de Fatemah, e no caso do neném, para o neném poder crescer e se tornar mais forte. Depois de dois meses Baba (papai) chegou e chamou o neném de Noor, que significa Luz. A mãe disse que era disso que precisavam.

A guerra separou a família. Os avós Alabed morando na Turquia; o tio Nezar, que tanto gostava de levar Bana, apelidada de Bon-Bon, para passear, se tornou um inválido. Uma bomba atingiu o espelho retrovisor do seu carro e os pedaços pequenos de vidro atingiram a sua face. Ele ficou meses na Turquia sendo operado. Ficou cego e teve o nariz removido. No primeiro momento Bana achou a sua face assustadora, depois conseguiu conversar com o tio. Dois tios mais novos foram enviados para estudar no Egito – não havia mais escolas em Aleppo – e Bana nunca mais os viu. Família, diz Bana, é para ficar o tempo todo junta e os seus membros devem morar perto uns dos outros. Sim, a separação por migração forçada é muito triste e dolorosa.

Apesar dos avós Alabed serem contrários, a família decidiu voltar para Aleppo, pois as saudades eram muito grandes. Foi um grande erro. O sofrimento foi muito grande com os bombardeios e a falta de comida e água. O neném Noor só chorava com o barulho das bombas. Ele só começou a falar aos dois anos de idade quando a família se refugiou na Turquia. Todos chegaram subnutridos, com os cabelos ralos e olheiras debaixo dos olhos.

A vida em Aleppo foi se tornando cada vez mais perigosa. A polícia secreta foi buscar o pai de Bana no trabalho e ele ficou dois dias sem voltar para casa, até que, finalmente, foi solto. Bana ficou com muito medo e assustada. Mohamed chorava porque queria o pai. Bana disse que logo ele estaria em casa. À

noite Fatemah rezou com Bana e deu certo. No dia seguinte ele veio para casa. Ele chegou cansado e cheirando mal, mas ninguém se incomodou, todos queriam abraçá-lo. Como se não bastasse a polícia secreta, existiam as milícias. Uma delas raptou dois tios de Bana por parte de pai e soltou-os depois de receber o resgate que a família teve que pagar. Os bombardeios começaram todos os dias, o dia todo. Bana não pode mais ir para a escola. Ela disse: “O regime não gosta de escolas”.

De acordo com Leah James et al. (2014),

Os homens, mulheres e crianças que fugiram da Síria foram frequentemente submetidos a e/ou testemunharam tortura, raptos e massacres. Eles foram vítimas de estupro e de outras formas de violência sexual. Suas casas e vizinhanças foram destruídas. Eles foram alvos – e viram pessoas serem mortas por bombas e atiradores. Eles sofreram ferimentos físicos resultando em crônica incapacidade, e tiveram os seus entes queridos mortos ou desaparecidos [tradução livre da autora] (JAMES et al.: 2014, p.42).

Assad usou a tática de dividir a cidade em duas, Aleppo do Leste e Aleppo do Oeste, assim como ele faria depois com o subúrbio da capital, Douma. A velha tática de dividir para derrotar, no caso aqueles que eram contrários ao seu regime. Daí em diante ficou muito difícil para as pessoas que estavam na parte leste da cidade irem para a parte oeste. Elas corriam o risco de serem mortas. Bana e a família estavam na parte leste da cidade. Bana descreve os vários tipos de bomba, sendo a pior, no seu entender, a bomba que jogava o gás cloro, pois os seus olhos ardiavam e ela chorava mesmo se não estivesse com vontade de chorar.

A família é religiosa e segue os rituais condizentes. A festa de Eid al-Fitr, quando os muçulmanos celebram o fim de Ramandan³, conta Bana, “é um feriado divertido ou pelo menos era antes da guerra. As pessoas limpam bem as suas casas, tudo brilha e cheira bem. As crianças ganham roupas e sapatos novos. As lojas ficam abertas toda a noite. As pessoas fazem um enorme banquete com tanta comida que você come e come até que o seu estômago dói. E você faz orações especiais⁴⁷”.

Além das bombas, um acontecimento assustador aconteceu quando os soldados rebeldes atacaram o prédio onde viviam os avós Alabed, atirando e jogando granadas porque no prédio morava um homem importante que trabalhava para o regime. Fatemah, Bana e Mohamed estavam na casa dos avós Alabed para a celebração de Eid al-Adha. Bana explica que este feriado é comemorado algumas semanas depois de Eid al-Fitr, e significa o término de Hajj, quando os muçulmanos fazem a sua peregrinação para Mecca, o lugar mais sagrado de todos. Ainda segundo Bana, as pessoas podem se sentir perto de Deus. Todos os muçulmanos devem fazer uma peregrinação à Mecca pelo menos uma vez na

vida. A sua Mãezinha foi à Mecca quando tinha 16 anos. Bana, a mãe e o irmão estavam passando uma semana na casa dos avós Alabed porque Baba (papai) estava ajudando o tio Wesam na sua loja de roupas. As lojas ficam muito cheias durante Eid porque as pessoas compram roupas para celebrar. Bana ganhou um par de botas Barbie, cor-de-rosa, com brilho (pp. 37-38). Ela conta como ficou feliz, não queria nem tirar as botas para dormir. A influência da globalização, cujo carro-chefe são os EUA, também está presente na Síria.

A globalização está presente também na influência dos livros de histórias ocidentais nas brincadeiras de Bana e da sua priminha Lana. Assim, Bana brincava de ser Rapunzel a sua princesa favorita. Bana ganhou um iPad usado que o seu pai havia comprado com muita dificuldade e Bana deixava Mohamed assistir o quanto ele quisesse de SpongeBob e SquarePants. Nesse caso, a influência da cultura de massa para crianças criada nos EUA é difundida no mundo. Às vezes ela contava histórias para os seus irmãos de como seria a vida depois da guerra, que eles poderiam comer quantos doces quisessem, e ver sempre os avós.

Quando o regime começou a bombardear o Leste de Aleppo, a vovó Alabed ficou muito assustada com as bombas e decidiu se mudar para o Oeste de Aleppo, que era mais seguro, pois nessa parte da cidade moravam muitas pessoas que tinham apoiado o governo. Entre as duas partes da cidade, onde o Exército da Síria Livre lutava contra o regime, era muito perigoso. Pessoas eram mortas todos os dias.

Bana conta que a sua família e os vizinhos ficaram cercados por três semanas pelo exército de Assad. Então o Exército da Síria Livre planejou resistir e todos ajudaram. Todos começaram a queimar pneus e lixo de modo a formar uma cortina espessa de fumaça para impedir o bombardeio. Bana queria ajudar, mas Fatemah não permitiu. O ar cheirava mal e a fumaça fazia todos tossirem. Depois de uma semana de luta o cerco foi rompido. As mesquitas fizeram soar as preces de Eid, embora não fosse Eid, com o objetivo de encorajar as pessoas. No dia seguinte os caminhões chegaram com comida. (pp. 129-132). A guerra alterou os papéis desempenhados pelas mulheres na Síria. Embora Bana não tenha sido explícita sobre a participação de Fatemah, ela afirmou que todos participaram da queima de pneus. Muito embora Fatemah tenha se definido como totalmente voltada para a família, a guerra, o sofrimento e a luta pela sobrevivência fizeram com que ela se tornasse um agente de mudança. Certamente que essa sua posição influenciou a atitude participativa de Bana (Zerene Haddad, 2014).

2 FATEMAH, A MÃE DE BANA

Fatemah refletiu sobre a sua demora em sair da Síria e se tornar refugiada: foi uma escolha muito difícil. Nós sabíamos do que aconteceu após a Primavera Árabe, quando os seus líderes foram depostos e mortos, mas achávamos que isso nunca aconteceria aqui. “Acho que é o que cada um acredita até que é tarde demais.” A vida antes da guerra era boa e não havia violência. “A nossa família

era classe média e profissional liberal. Existia liberdade e era possível construir uma boa vida para a família, assim como os meus pais fizeram por mim e os seus antes deles e assim por diante.” E dirigindo-se a Bana, “uma vida longa e feliz na Síria era o seu direito de nascimento e você foi roubada⁵.”

Mesmo quando a violência começou com a revolta em Daraa em 2011, quando jovens menores de 18 anos foram presos e brutalmente torturados pelo regime por terem feito graffiti contra Assad na escola, ela e o marido ficaram chocados e horrorizados. No entanto, esses terríveis acontecimentos lhes pareciam distantes, pois eles não sentiam uma grande oposição em Aleppo. Porém, quando o regime os atingiu pessoalmente e levou Ghassan, Fatemah ficou em estado de pânico. Ela sabia das torturas infligidas aos prisioneiros, muito embora eles não fossem ativos politicamente. Essas foram as piores horas da sua vida. Segundo Fatemah, eles somente queriam trabalhar e sustentar a família. Ela acreditava que o seu marido estaria bem e que voltaria para casa, o que realmente aconteceu. Muitas esposas na Síria não tiveram essa sorte os seus maridos desapareceram⁶.

Para Fatemah, o otimismo era uma arma contra o medo e o desespero. Ela e o seu marido se esforçaram para acreditar que seriam poupados. Quando a guerra atingiu Aleppo eles se sentiram esmagados. Diz Fatemah, “se nós tivéssemos compreendido desde o começo o que aconteceria em Aleppo ou os horrores que nos esperavam, nós teríamos saído. Muitas pessoas partiram nos primeiros dias quando ainda podiam. Alguns se deram bem, mas nós ouvimos histórias horríveis de segregação e pobreza e o pior, quando pessoas terminaram vivendo em campos de internamento ou morreram tentando atravessar mares perigosos e desertos para alcançarem países que não os queriam”.⁷

Fatemah continuou num diálogo com a filha, explicando como é muito difícil deixar a vida que a pessoa conhece e se tornar uma refugiada. Se a guerra era horrível, o desconhecido era assustador. Como eles iriam viver? Ghassan iria conseguir trabalhar? Ela diz um provérbio sírio que explica bem a situação: “Uma erva daninha não desejada do seu próprio país é melhor do que o trigo de um estrangeiro”. Eles eram muito ligados ao seu país e ao pequeno apartamento onde viviam. E dirigindo-se a Bana: “Uma casa é onde você se sente segura e amada⁸”.

Antes que Fatemah e Ghassan pudessem compreender, se tornou impossível partir. As últimas duas semanas na Síria foram como um pesadelo. Fatemah se interroga: por que eles ficaram? Será que foi por um conjunto de sentimentos: orgulho, medo, negação dos perigos, esperança? Ela se sente culpada como as outras mães, sempre com medo das ameaças à vida da sua filha. Voltando-se para Bana, ela diz: “Você viu mais mortes e destruições na sua curta vida do que muitos adultos já viram, e o seu pai e eu não fomos capazes de lhe proteger. Eu tentei lhe esconder o meu medo o máximo possível para que você não se sentisse com medo⁹”.

A mãe avalia a filha: Bana a guerra lhe deixou marcas profundas e ao mesmo tempo você aprendeu a ter resistência e esperanças¹⁰. Certamente que Fatemah contribuiu muito para a força de espírito demonstrada pela filha. As duas últimas semanas foram horríveis, o apartamento da família foi destruído em revanche às mensagens enviadas por Bana para o mundo todo. Enquanto estavam vivendo no apartamento e Bana pode frequentar escola, ela aprendeu rapidamente a ler e a escrever. A sua mãe então ensinou-a a ler e escrever em inglês. Bana passou a enviar mensagens em inglês pelo Twitter. Um jornalista sírio foi entrevistá-la para saber se era verdade. Como uma menina de 7 anos escrevia em inglês e mandava mensagens pelo Twitter pedindo paz e que o mundo se levantasse por Aleppo. Pedia também, por favor, para que parassem de bombardear e de sitiá-la cidade.

Quando o apartamento foi bombardeado, aquele jornalista veio e ofereceu o seu pequeno apartamento para eles ficarem. Nesse apartamento eles também não estavam seguros. Então alguém ofereceu uma casa abandonada nos arredores da cidade. A casa estava muito suja e o local para buscar água era distante. Também não tinham mais o que comer depois de uma longa dieta de arroz. A água era racionada, cada criança bebia um pouco de água por dia.

3 BANA E AS MENSAGENS

Horas e horas a fio Bana e sua família ficaram no porão do prédio. Como ambas sabiam falar e escrever em inglês, elas podiam se comunicar com pessoas em inglês. Assim receberam mensagens da Inglaterra e dos EUA. Bana pensava que eles poderiam ajudá-los, que ela e a sua família não estavam totalmente sozinhos. Talvez alguém fizesse alguma coisa por nós antes que fosse tarde demais¹¹. Bana também pensou que se as pessoas ao redor do mundo vissem a horrível situação em que eles estavam vivendo e como muitas pessoas estavam morrendo – como toda uma família, e o pai e o irmão de Marwa, sua amiga da mesma idade, devido a um bombardeio que destruiu o prédio em que eles moravam – eles iriam ajudar a todos. Diz Bana que, quando um corpo é encontrado depois de um bombardeio, ele parece esmagado como um prédio e cinzento como um prédio também. E o corpo está quebrado, e algumas partes estão separadas como uma perna, um braço ou mesmo uma face. Quem iria querer ver isso¹².

Além do jornalista sírio que veio entrevistar Bana e lhe disse que ela estava ajudando as pessoas, ela passou a receber agradecimentos de pessoas nas ruas quando a encontravam fotografando ou fazendo vídeo: Não esqueça East Aleppo (o lado Leste de Aleppo)¹³. Os aviões vieram e em vez de bombas, eles jogaram panfletos que diziam: “Essa área vai ser destruída, e vocês serão mortos. Vocês precisam partir imediatamente”. O regime também mandou mais panfletos avisando que em 24 horas o bombardeio iria começar¹⁴.

Nós não tínhamos aonde e como ir, essa parte da cidade estava sitiada. O Exército da Síria Livre que também estava em East Aleppo seria morto e nós também. Esses panfletos poderiam ser um truque e o regime iria atirar e prender as

pessoas que tentassem ir para West Aleppo (o lado Oeste de Aleppo). Depois dos panfletos, vivemos o pior tempo das nossas vidas. Centenas de bombas maiores e mais bombas de clorine eram jogadas dia e noite. No princípio meus irmãos, primos e eu chorávamos, depois não mais. Não tínhamos mais lágrimas. Também quase que não comíamos mais arroz e macarrão porque o intervalo entre as bombas não permitia.

Era o meio da noite e muito perigoso estar na rua. Fatemah foi ao apartamento destruído e pegou algumas coisas valiosas que estavam na sua bolsa e mais o seu celular, o do Ghassan e mais as baterias. O vovô Alabed, Ghassan e o seu irmão Wesam decidiram ir para o porão do prédio dos avós Alabed. Era muito frio e o tio Nezar era o que sentia mais frio porque a sua roupa estava húmida. Nós todos ficamos muito juntos uns dos outros para nos aquecermos. “É tão bom ter uma grande família quando nós precisamos nos manter aquecidos¹⁵” (p.162).

Um amigo do pai de Bana disse que conhecia uma casa afastada onde eles poderiam ficar, mas que só era acessível por carro. Ghassan e seu irmão tinham que correr porque o exército estava se aproximando e eles tinham que conseguir um carro. Eles voltaram com um caminhão com a parte de trás sem cobertura. Eram em 19 pessoas no carro. O pai de Bana dirigia muito depressa pelas ruas esburacadas e cobertas de escombros. Eles tinham que se segurar firmemente para não cair. Noor, o caçula, estava gritando sem parar.

A nova casa estava muito suja. Bana disse, “eu a detestei assim que nós chegamos na porta. Ninguém tinha vivido nessa casa por muito tempo. Não havia mobília, comida e aquecimento. Não era uma casa de modo algum. O papai e o tio Wesam saíram imediatamente para procurar água. Eu tentei me lembrar quando eu comi e bebi água. Minha garganta estava tão seca que eu mal podia engulir. A minha barriga estava tão vazia que doía¹⁶”.

A única coisa boa é que eles estavam longe das bombas, apenas um ou duas por dia. Ghassan tinha que procurar água diariamente e eles só podiam beber um pequeno copo por dia. Também comiam somente uma vez por dia quando Fatemah fazia pão com um pouco de farinha de trigo que ela tinha trazido de casa. Alguns vizinhos dividiram uns poucos cobertores com eles. Eles dormiam todas as noites no chão frio e sujo. Bana ficou muito doente: “Pode ter sido porque o meu coração estava doente e isso fez com que o meu corpo ficasse doente. Eu somente podia ficar deitada porque eu me sentia muito cansada. Não havia remédios para que eu pudesse me sentir melhor. Eu estava cansada demais para ter alguma esperança. Eu estava cansada para lutar e permanecer viva. Eu pensava que poderia ser mais fácil se uma bomba caísse sobre nós e não tivéssemos mais que viver¹⁷”.

Os pais de Bana acordaram a todos quando o sol estava começando a nascer. Os vizinhos tinham vindo avisar no meio da noite de que o exército estava se aproximando. Ghassan dirigiu muito depressa e foram para outra parte de Aleppo. Enquanto o pai foi buscar os irmãos, Fatemah e as crianças andaram um

pouco. Então eles encontraram o jornalista sírio que havia entrevistado Bana. Foram até o seu escritório e carregaram a bateria do celular de Fatemah e ele deixou Bana acessar o Wi-Fi, assim ela pode usar o Twitter. Quando ele soube que eles não tinham para onde ir, ele ofereceu o apartamento dele e disse que ficaria com um amigo.

Quando o pai e os tios chegaram, estavam todos feridos porque uma bomba tinha caído defronte do carro. Depois de muito chorar, Bana leu os versos favoritos do Quran para o pai. Esses eram os versos que o pai mais gostava: “Somente Deus é o melhor Protetor. A sua piedade é muito maior do que a dos outros¹⁸”. O prédio, onde todos estavam, ficava no fim da cidade. Agora eles estavam muito próximos dos tanques do exército. Fatemah e Bana tentaram pedir ajuda aos amigos do Twitter. Fatemah soube, de acordo com Bana, que “o ministro de assuntos exteriores da Turquia estava conversando com o regime e com pessoas do Iran e da Rússia e de outros lugares pedindo um cessar-fogo, o que significa que eles iriam parar de atirar e de bombardear, de modo que pudéssemos sair de Aleppo.” Alguns ônibus iriam retirar as pessoas e levá-las para fora de Aleppo, onde elas estariam a salvo¹⁹.

Ghassan não queria que eles fossem nos primeiros ônibus. Ele tinha dúvidas se eles estariam a salvo. À noite a família ficou sabendo que muitas pessoas conseguiram partir. No dia seguinte eles acordaram antes do Sol nascer e foram para a fila. Havia muita gente e estava muito frio. À tarde eles ouviram tiros e gritos. Eles estavam atirando nas pessoas que estavam tentando entrar nos ônibus. Eles voltaram para o apartamento e enviaram mensagens pelo Twitter dizendo que o cessar-fogo tinha sido rompido. No dia seguinte mais notícias ruins: nós voltamos para o apartamento e enviamos mensagens pelo Twitter dizendo que o cessar-fogo tinha sido rompido. No dia seguinte mais notícias ruins: não havia mais ônibus. A única coisa que eles podiam fazer era rezar. Finalmente no terceiro dia de espera eles acordaram antes do Sol e foram para onde os ônibus estavam parados. Dessa vez poucas pessoas estavam aguardando. Havia uma longa fila de ônibus. Bana conta: “Comecei a chorar de felicidade. Isso nunca tinha acontecido comigo antes. Pensei que nós só chorássemos de tristeza.” As crianças correram e imploraram para que os pais fizessem o mesmo. Finalmente eles estavam no ônibus. Eles ficaram separados dos outros membros da família, mas havia lugares para todos²⁰.

Mas, os ônibus não se moveram. As horas se passaram. Não havia banheiro, as crianças fizeram as suas necessidades nas suas roupas, não havia água nem comida. Estava escuro, era de noite. Fatemah ainda tinha bateria no seu celular, assim ela mandou uma mensagem rápida para o governo turco para ver se eles poderiam ajudá-los. O Sol nasceu no dia seguinte e de repente eles ouviram o barulho dos motores e os ônibus começaram a se mover. Parecia um sonho. Depois de 20 minutos, eles viram da janela do ônibus uma multidão que os esperava. Fatemah disse que aquelas pessoas iriam ajudá-los. Bana não podia acreditar que eles estavam salvos. Pessoas bondosas trouxeram comida e água para nós e

para todas as pessoas dos ônibus. “Mohamed disse, ‘Mãe. Estamos no paraíso!’ E nós todos – disse Bana – nos sentíamos do mesmo jeito.” Comemos muito depressa e depois vomitamos, em seguida comemos novamente. “Um homem pediu para a mãe e eu que falássemos na TV, que contássemos sobre Aleppo e como era se sentir salvos. Um médico nos convidou para sua casa para que pudéssemos nos limpar. Quando chegamos lá, alguns homens que trabalhavam para o governo turco vieram nos buscar. O governo sírio não gostava das minhas mensagens no Twitter, que eu queria a paz, assim não seria bom que ficássemos onde estávamos, onde era ainda o interior da Síria²¹”.

Eles foram de carro para uma cidade pequena, perto da fronteira e então tomaram um avião para a Turquia. Bana teve sentimentos mistos, estava com medo de voar – era a primeira vez – e também estava com um pouco de medo e triste de deixar a Síria. Ela tentou ver Aleppo da janela do avião. “Estava escuro e só conseguia ver algumas luzes. O mundo parecia tão bonito do alto no ar – todos os pequenos prédios e as luzes se pareciam com uma casa de bonecas. Não podia imaginar como alguém podia jogar bombas. (...) Mãe se inclinou e falou baixinho: ‘Nós estamos salvos, Bana. Nós iremos ficar bem.’ (...) Adormeci²²”.

No último capítulo do livro, **Bana pede para que as pessoas acolham os refugiados porque eles não são refugiados porque querem**²³. Agradece às pessoas na Turquia que têm sido muito acolhedoras para a sua família. Ela enfrenta o leitor afirmando, “Eu estou ajudando as pessoas chamando atenção para a guerra e o quanto ela é ruim, especialmente para as crianças. Você também pode ajudar.” E então ela escreve uma lista de sugestões para o leitor ajudar os sírios e outros refugiados. Agora que ela completou 8 anos de idade, ela conta ao público qual o seu principal desejo: “Eu quero que as pessoas parem de lutar com bombas e armas na Síria e em todo o mundo. Eu quero, por favor, que haja paz²⁴”.

Fatemah no começo do livro escreveu que ela era uma mulher da classe média, que gostava muito de estudar, e que ela e o seu marido não tinham interesse em política. Contudo, quando Assad transformou o levante pelos direitos civis em guerra e a sua amada pequena filha se tornou interessada em lutar pela paz através da mídia eletrônica, ela lhe deu todo o apoio necessário. “Eu faria e farei qualquer coisa para salvá-la, Bana, mas eu não a silenciarei. É isso o que eles querem. É isso o que eles têm tentado fazer àqueles que lutam pela paz desde o começo dos tempos: Jesus, Martin Luther King Jr., Ghandi²⁵”. Como a guerra tem mudado os papéis desempenhados pelas mulheres na Síria, haja visto a iniciativa de Fatemah de entrar em contato com o governo turco para que os ônibus partissem de Aleppo, penso que Fatemah e sua filha, apesar de criança, são um exemplo de agentes de mudança entre os refugiados sírios na Turquia. Bana e a sua mãe foram recebidas pelo presidente da Turquia que lhes outorgou, bem como a sua família, a cidadania turca.

NOTAS

¹ Todas as traduções do inglês para o português são livres.

² Tradução livre das seguintes frases: “I wanted to live in Syria always because it is a special place. It is a very, very old country, and my family had lived there forever. Grandpa Malek says that it is important to understand where you come from because that makes you who you are. He says we should be proud to be Syrians, because Syrians are kind and honest. (...) family is the most important thing to us. We know that we should always be generous and true to Allah. We pray a lot so that God will help us be good. We want a simple life. This is what is important to us.” (p.15).

³ Ramadan celebra a revelação do Quran, o texto sagrado do Islamismo, ao Profeta Muhammad. Além de não comer e beber durante o dia, os fiéis passam o mês de Ramadan meditando espiritualmente. O jejum é quebrado todas as noites com uma refeição. Jejuar também significa evitar comportamentos anti-sociais.

⁴ “It’s a fun holiday – or it used to be before the war. For Eid, you clean the house so that everything sparkles and smells good. And you get new clothes and shoes – the stores even stay open all night, so you can buy things. Then you have a big feast, with so much food that you eat and eat until your stomach hurts. And you do special prayers.”(p.30)

⁵ “I suppose that’s what everyone believes until it is too late. But in Syria, at that time, life was good, peaceful overall. If you were like our family, at least, middle-class and educated, there were opportunities, and you could build a good life for your family, as my parents did for me, and theirs had before them, and so on as far back as you could remember. A long, happy life in Syria was your birth right, Bana, and you have been robbed of that.” (pp. 51-52). Tradução livre.

⁶ Baseado nas pp. 52-53.

⁷ “If we had understood from the beginning how things would end up in Aleppo or the horrors that awaited us, we would have left. So many people did, at least in the early days when you still could. Some feared well, but we also heard the terrible stories of isolation and poverty and then worse, as people ended up living in camps or died trying to cross dangerous seas and deserts to get to countries that didn’t want them there.” (pp. 53-54)

⁸ “There is a Syrian proverb: The weeds of your own country are better than the wheat of a stranger’s.” “(...) a home is where you feel safe and loved.” Pp. 54-56

⁹ “You’ve seen more death and destruction in your short life than most adults have ever seen, and Baba and I were not able to protect you from that. I tried to hide my fear from you as much as possible so that you wouldn’t be afraid.” (pp. 57-58)

¹⁰ Baseado na p. 59.

¹¹ Baseado na p. 144.

¹² Baseado na p. 147.

¹³ Baseado na p. 149.

¹⁴ “‘This area will be destroyed, and you will face death. You must leave at once.’ The government also sent texts to warn us that in twenty-four hours terrible bombing would start.” (p.152)

¹⁵ “It’s nice to have a big family when you need to keep warm.” (p.162)

¹⁶ “I hated it as soon as we got in the door. No one had lived in it for a long time, and there was no furniture or food or heat. It wasn’t like a real home at all. Baba and Uncle Wesam left again as soon as we got to the new place. They went to find water. I hoped they would be back

soon, because I was so thirsty. I tried to remember how long it had been since I had had food or water. It gives you an awful feeling in your throat when it's so dry you can barely swallow and in your tummy when it's so empty that it hurts." (p. 168).

¹⁷ "It might have been that my heart was sick, and it made my body sick. But all I could do was lie down because I felt so tired. There was no medicine to help me feel better. I was too tired to have hope anymore. I was tired of fighting to stay alive. I thought it might be easier if a bomb came down on us and we didn't have to live like this anymore." (p.172).

¹⁸ "Only God is the best Protector. His mercy is far greater than that of others." (p.177)

¹⁹ "The foreign minister of Turkey was talking to the regime and people in Iran and Russia and other places so that they would make a case-fire, which means they would stop the fighting and bombing so that we would be able to leave Aleppo. There were going to be buses that would come to pick up everyone who was trapped and drive them away from Aleppo to somewhere where they would be safe." (p. 180)

²⁰ "I started crying. I was crying because I was so happy – that never happened to me before. I thought you cried only when you were sad" (pp. 183-186).

²¹ "Mohamed disse, 'Mamãe! Nós estamos no paraíso!' And that is how we all felt. (...) a man there who asked me and Mummy to talk on TV and tell everyone about Aleppo and how it felt to be safe. After that, a doctor invited my family to his house nearby to clean up. When we got there, some men who worked with the Turkish government came to get us so we would be safe. The Syrian government didn't like it that I was on Twitter and wanted peace, so it wasn't good for us to stay where we were, which was still in Syria but is the countryside." (pp. 188-191).

²² "But it was dark out, and I could only see some lights. The world looks so pretty from up in the air – all the tiny buildings and lights, like a dollhouse. I couldn't imagine how you could drop bombs on it. (...) Mummy was sitting across the aisle from me. She leaned over and whispered, 'We are safe now, Bana. We are going to be okay.' (...) I fell asleep too." (pp. 191-192).

²³ Negrito da autora da resenha.

²⁴ "I am helping people by bringing attention to war and how bad it is – especially for children. You can help too. (...) I want people to stop fighting with bombs and guns in Syria and all over the world. I want there to please be peace." (pp. 204-205).

²⁵ "I would and will do anything to keep you safe, Bana, but I will not silence you. That is what they want. That is what they've tried to do to peacemakers since the beginning of time: Jesus, Martin Luther King jr., Gandhi." (p. 197).

REFERÊNCIAS

ALABED, B. **Dear World: A Syrian Girl's Story of War and Plea for Peace.** New York: Simon & Schuster, 2017. Traduzido para o português em 2018. ALABED, B. **Querido Mundo: a história de guerra de uma menina síria e sua busca pela paz.** Rio de Janeiro: Best Seller, 2018.

HADDAD, Z. How the crisis is altering women's roles in Syria. **Forced Migration**, Issue 47, September 2014. pp. 46-47).

Disponível em: <<https://www.fmreview.org/sites/fmr/files/FMRdownloads/en/syria/syria.pdf>> .Acesso em: [s/d]

JAMES, L. et al. The mental health of Syrian refugee children and adolescents. **Forced Migration**. Issue 47, September 2014. p. 42.

Disponível em:

<<https://www.fmreview.org/sites/fmr/files/FMRdownloads/en/syria/syria.pdf>> . Acesso em: [s/d]